

DISCURSO DE ÓDIO E IMIGRAÇÃO EM PORTUGAL

Diagnóstico do projeto

#MigraMyths - Desmistificando a Imigração

2ª Edição

Lisboa, novembro de 2021

As percepções sobre a imigração, criadas e difundidas pelo senso comum, geralmente são repletas de “meias verdades” e de informações que não correspondem à realidade.

Estas ideias são reforçadas pelas redes sociais que propagam desinformação de forma massiva e, muitas vezes, sem verificação de fatos.

DISCURSO DE ÓDIO E IMIGRAÇÃO EM PORTUGAL

Diagnóstico do projeto

#MigraMyths - Desmistificando a Imigração

2ª Edição

Lisboa, novembro de 2021

Índice

Introdução	4
A Casa do Brasil de Lisboa	5
O projeto: #MigraMyths - Desmistificando a Imigração – 2ª Edição	6
Desinformações nas redes sociais	7
Discurso de ódio	8
Diagnóstico do projeto: discurso de ódio e imigração em Portugal	11
Conclusão	29
Relatos	30
Referências bibliográficas	44
Anexo	45

Ficha técnica

Desenvolvido Por: Casa do Brasil de Lisboa
Financiado por: Programa de Apoio ao Associativismo Imigrante (PAAI) 2020
Autoria: Ana Paula Costa
Conceção Gráfica: Amanda Argollo

Novembro de 2021

INTRODUÇÃO

O presente relatório consiste num diagnóstico realizado pelo projeto #MigraMyths - Desmistificando a Imigração 2ª Edição, financiado pelo Programa de Apoio ao Associativismo Imigrante (PAAI). A realização deste diagnóstico inclui-se no âmbito das atividades do projeto, que tem o objetivo de contribuir para a identificação dos problemas relacionados ao discurso de ódio, xenofobia e discriminação contra as pessoas imigrantes e para a compilação de dados nesta matéria.

Historicamente, Portugal foi um país de emigração, seja no seu passado colonial ou na contemporaneidade, devido às crises económicas (Padilla e França 2020, Malheiros e Esteves 2013, Góis e Marques 2018, Peixoto 2007). A imigração é um fenómeno muito mais recente, vivido de forma representativa a partir na década de 1970, com o processo de independência das ex-colónias africanas, e passando por várias ondas de imigração, inclusive as procedentes do Brasil. Atualmente, a comunidade brasileira em Portugal é a mais representativa em número total de imigrantes, com 183.993 mil (SEF, 2021) residentes no país.

Com o aumento do fluxo imigratório e a consolidação de Portugal como um país também de imigração, surgem novos desafios em matéria de integração e exercício da cidadania. A xenofobia, o racismo e o discurso de ódio não são fenómenos novos, mas requerem a devida atenção social e política, dado o seu profundo impacto no exercício dos direitos e na trajetória de vida das pessoas imigrantes.

Além disso, com a massificação das redes sociais digitais, os episódios de xenofobia, racismo e discurso de ódio passaram também a ocupar o ambiente online, que tem se tornado cada vez mais polarizado. Nesse sentido, os discursos anti-imigração podem progressivamente chegar à radicalização, dentro e fora das redes sociais digitais. Contudo, é através das redes sociais digitais que o discurso de ódio direcionado às pessoas imigrantes propaga-se com maior velocidade e eficácia.

As informações presentes neste relatório são de extrema importância, pois revelam grandes desafios no âmbito da igualdade e da integração. O relatório revela as barreiras de integração vivenciadas no cotidiano pelos imigrantes em Portugal, bem

como a necessidade de desconstruir estereótipos e criar políticas públicas para mitigar a xenofobia, o racismo e o discurso de ódio contra populações minorizadas.

A CASA DO BRASIL DE LISBOA

A Casa do Brasil de Lisboa (CBL) é uma associação de imigrantes sem fins lucrativos, a mais antiga e representativa associação da comunidade brasileira em Portugal. Tem sede em Lisboa, mas atua direta e indiretamente em outros territórios. Desde a sua fundação, em 1992, a CBL tem um trabalho ativo na reflexão e implementação de políticas públicas, assumindo um papel fundamental de ativismo e reivindicação de políticas igualitárias para as comunidades imigrantes em Portugal. Desenvolve diversos projetos que buscam promover o acesso aos direitos e aos serviços pelos imigrantes. Além do trabalho de intervenção social e de ativismo, a CBL promove a valorização da multiculturalidade e da interculturalidade, assim como a integração por meio da cultura.

Assim, a CBL estabelece uma relação de

apoio e confiança com os seus/suas associados/as e utentes, prestando informações sobre os direitos, deveres e acesso aos serviços públicos em Portugal. Anualmente, a associação recebe milhares de imigrantes nas diversas atividades de acolhimento, informação e apoio no processo de integração e garantia de direitos em Portugal.

Ao longo dos seus 30 anos de existência, a CBL sempre foi um espaço de reflexão acerca das políticas de integração, de inclusão social e de participação das pessoas imigrantes em Portugal. Em toda a sua história, realizou debates, ciclos de conversas, palestras e muitas outras iniciativas neste sentido. Nos últimos anos, no âmbito de diversos projetos financiados e em parceria com outras instituições, desenvolveu inúmeras atividades com o objetivo de garantia de igualdade de oportunidades para as pessoas imigrantes, com destaque para:

- **ciclos de debates sobre direitos e deveres dos/as imigrantes e sobre empregabilidade;**
- **organização de grupos para a troca de experiências entre imigrantes;**
- **sessões informativas e formativas;**
- **produção de materiais e de campanhas informativas.**

O PROJETO: #MIGRAMYTHS - DESMISTIFICANDO A IMIGRAÇÃO - 2º Edição

As percepções sobre a imigração, criadas e difundidas pelo senso comum, geralmente são repletas de “meias verdades” e de informações que não correspondem à realidade. Ideias como a de que “as pessoas imigrantes estão a invadir Portugal”, que “roubam empregos” ou que “são uma ameaça à segurança pública” são uma constante nos discursos do dia a dia, em diversos meios: nas universidades, na saúde, no âmbito da família e nos serviços públicos, por exemplo. Estas ideias são reforçadas pelas redes sociais que propagam desinformação de forma massiva e, muitas vezes, sem verificação de fatos. Nesse sentido, o projeto #MigraMyths - Desmistificando a Imigração foi criado com o objetivo de combater a desinformação relacionada à imigração e às comunidades imigrantes em Portugal, bem como combater o discurso de ódio e sensibilizar a comunidade portuguesa para a desconstrução de mitos, estereótipos e preconceitos contra as pessoas imigrantes.

O projeto, que está na sua 2ª Edição, é desenvolvido pela Casa do Brasil de Lisboa e financiado pelo programa de Apoio ao Associativismo Imigrante (PAAI), gerido pelo Alto Comissariado para as Migrações (ACM). Na primeira 1ª Edição, o relatório de diagnóstico do #MigraMyths - Desmistificando a Imigração concentrou-se em analisar, particularmente, as experiências de discriminação das pessoas imigrantes. Dessa forma, constatou-se que 85,6% das pessoas imigrantes inquiridas foram vítimas de algum tipo de discriminação baseada nos mitos e estereótipos sobre a imigração em Portugal. Ressalta-se o gênero como o principal marcador social. Além disso, identificou-se que os espaços onde a discriminação foi praticada são diversos, mas sobressaem as redes sociais e os serviços privados, como o comércio.

Nesta 2ª Edição do projeto, o relatório de diagnóstico concentrou-se em analisar as experiências de discursos de ódio na imigração. Assim, constatou-se que 75,4% das pessoas imigrantes inquiridas já sofreram algum tipo de discurso de ódio baseado em preconceitos e estereótipos sobre a imigração em Portugal. Ressalta-se, mais uma vez, o gênero como o principal marcador social. Os relatórios

elaborados no âmbito da 1ª e 2ª edições do #MigraMyths - Desmistificando a Imigração aprofundaram o conhecimento sobre a discriminação e o discurso de ódio na imigração, fornecendo dados e relatos que revelaram a vivência das pessoas imigrantes.

DESINFORMAÇÕES NAS REDES SOCIAIS

A desinformação e as suas várias formas de disseminação não é um fenômeno novo. Autores como Darnton (2017) e McGuillen (2017), por exemplo, destacam o aparecimento das notícias falsas, boatos e manchetes-isco (*clickbaits*) ainda no século XVI. Neste período, o surgimento dos pasquins na Itália também foi marcado pela disseminação de notícias falsas sobre agentes públicos (Darnton, 2017). Já no século XIX, identificou-se na Alemanha a criação de notícias falsas por falsos correspondentes estrangeiros. Contudo, no mundo contemporâneo, o surgimento das redes sociais digitais e a massificação do seu uso tornam o fenômeno da desinformação ainda mais complexo.

As redes sociais são um terreno fértil para a disseminação de desinformação, visto que, caracteristicamente, as pessoas usuárias tendem a privilegiar conteúdos que vão ao encontro das suas visões de mundo (Baldacci, Buono e Grass, 2017). Além disso, a infraestrutura das redes sociais possibilita a fácil circulação e o alcance dos conteúdos. Uma notícia produzida em um contexto particular pode circular mais facilmente por outras regiões, por exemplo. Estudos revelam que nem todo o conteúdo compartilhado nas redes sociais é lido de fato (ou é apenas parcialmente lido) pelas pessoas usuárias (Dewey, 2016) e, ao compartilhar uma informação ou notícia duvidosa, estas podem disseminar desinformação.

Dessa forma, as redes sociais têm sido palco de diversos tipos de discurso, inclusive discursos anti-imigração, de ódio e xenofobia. Nesse sentido, importa considerar que os media têm um papel primordial na construção e disseminação de conteúdos que contribuem para a representação coletiva da imigração e das pessoas imigrantes (Ferreira, 2014). A identidade e pertença das pessoas imigrantes na comunidade de acolhimento também são construídas a partir dos media, que

influenciam a forma como a imigração é percebida. Por exemplo, uma matéria jornalística ou peça televisiva tanto podem tornar mais ou menos latente o preconceito e a xenofobia como podem criar/reforçar e/ou combater estereótipos sobre a imigração. A narrativa escolhida pelo meio de comunicação tem o efeito de criar ou combater desigualdades na comunidade de acolhimento.

DISCURSO DE ÓDIO

A demonstração pública e a cultura do ódio como algo normalizado têm-se ampliado nos últimos vinte anos (Waldron, 2010; Costa, 2020). Há, pelo menos, dois importantes elementos nesse fenômeno: por um lado, as estratégias editoriais dos meios de comunicação, nas quais se destacam o *clickbait*, por outro lado, o algoritmo das empresas que gerem as redes sociais digitais, os quais trabalham com estratégias de captura de atenção (Costa, 2020).

O *clickbait*, isto é, títulos apelativos de editoriais com o objetivo de gerar mais acesso ao conteúdo/notícia, tem sido cada vez mais utilizado pelos meios de

comunicação. Estes títulos, não raro, utilizam frases estereotipadas e polêmicas para gerar engajamento de acesso. No que diz respeito aos algoritmos, Costa (2020) explica que os utilizados pelo *Facebook*, por exemplo, conseguem analisar sentimentos, emoções e ideias das pessoas usuárias com base na velocidade da digitação, pressão do toque ao digitar e outros parâmetros. Assim, as interações nas redes sociais digitais podem emergir como gatilhos para o ódio e para o insulto, e as empresas que gerem estas redes têm conhecimento deste impacto.

O ódio não é apenas um sentimento, mas um fato social que pode se converter em discursos e atitudes dentro e fora das redes sociais digitais. A problemática do discurso de ódio extrapola os espaços das redes sociais digitais, visto que um discurso mobilizado online pode ter consequência práticas no cotidiano, motivando violências, agressões, discriminação e outras atitudes. O contrário também se verifica: acontecimentos fora das mídias sociais também podem estimular o linchamento virtual, por exemplo.

Tiedens (2001) demonstra que as massas conferem maior importância ou

recompensas às pessoas que expressam o ódio. Nesse sentido, as redes sociais digitais também possuem técnicas e estratégias de captura de atenção pelo viés da negatividade, do medo e da violência, de modo que atribuem maior peso às informações negativas, gerando condições propícias para conflitos e discursos de ódio (Costa, 2020). Em Portugal, por exemplo, um terço das notícias do *Jornal de Notícias* (JN), de ampla circulação, têm uma associação com o ódio, e destacam-se os temas da pena/comoção, futebol, política e religião (Costa 2020).

Além disso, a representação negativa do considerado o "outro" e a representação positiva do "nós" constituem um pilar dos discursos de ódio (Valle-Nunes, 2020). Embora, por exemplo, as pessoas imigrantes contribuam para o Estado português, há sempre a ideia de que são um peso e utilizam indevidamente os apoios sociais. Isto porque, ainda que não seja verdade, há uma crença de que estes direitos não deveriam ser concedidos às pessoas imigrantes (Valle-Nunes, 2020). Existe o medo da perda identitária, que se manifesta pela desvalorização e ataque a elementos culturais das pessoas imigrantes, como a língua e a religião. Outro fenômeno importante a ser

considerado é o crescimento da direita radical populista, tanto no contexto português como no europeu. O nativismo defendido pela direita radical populista, isto é, a ideia de que os Estados devem ser habitados exclusivamente por pessoas nativas e que as pessoas estrangeiras são ameaças (Mudde, 2007) mobiliza discursos de ódio contra imigrantes e outras populações minorizadas/ racializadas, como as comunidades afrodescendente e cigana. Em Portugal, este discurso é protagonizado pelo partido Chega, que, em 2019, conseguiu eleger um deputado da direita radical para a Assembleia da República, pela primeira vez desde o fim do Estado Novo (1974)¹. Uma forte característica do partido Chega é mobilizar discursos de ódio marcados pelo autoritarismo e pela falsa oposição à classe política. Os discursos do líder do partido, André Ventura, defendiam a expulsão de grupos considerados estrangeiros, como a comunidade cigana e as pessoas refugiadas.

Santana (2021) explica que o eleitorado dos partidos da direita radical populista

¹O partido antissistema Chega ao Parlamento. <https://expresso.pt/legislativas-2019/2019-10-07-O-partido-antissistema-Chega-ao-Parlamento>. Expresso. 07 de outubro de 2019.

são pessoas inseguras e que na Europa Ocidental isto se relaciona com a chegada de imigrantes não europeus. Nesse sentido, o apoio a partidos como o Chega é uma resposta defensiva de parte da população que considera a diversidade étnica prejudicial à democracia e que, não raro, relaciona diversidade às questões securitárias, como a criminalidade (Santana, 2021). Assim, quando discursivamente os partidos da direita radical populista atacam as pessoas imigrantes e outras populações minorizadas, mobilizam este eleitorado. Madeira, Silva e Malheiros (2021) explicam que o que mais distingue o Chega é o seu discurso conservador e identitário:

Mas o que mais notoriamente tem distinguido o Chega dos restantes partidos, e que mais impacto mediático tem tido, é um discurso conservador e identitário que, ao mesmo tempo, sublinha a Igreja Católica na estruturação das civilizações europeia e portuguesa e faz a apologia da identidade nacional supostamente una e estática, estigmatiza alguns grupos étnicos específicos (e.g. ciganos) com base na repetição de estereótipos. Por seu turno, tanto as redes sociais como a comunicação social contribuíram para aumentar a disseminação dos discursos do Chega, funcionando como um dos principais mecanismos de recrutamento e bases de apoio do partido (Santana, 2021).

Com o racismo e a xenofobia sendo expressos abertamente por líderes da direita radical populista e outras pessoas com influência política e social, a tolerância para a retórica extrema

cresceu e o discurso de ódio tornou-se normalizado pela nossa sociedade. Portanto, o discurso e os crimes de ódio são atualmente um dos maiores problemas dentro e fora das redes sociais digitais, com implicações práticas para as pessoas e grupos-alvos desses discursos. Além disso, frequentemente, o direito à liberdade de expressão é instrumentalizado como salvaguarda para ataques e difamações.

No contexto europeu, o discurso de ódio é um problema que tem despertado atenção dos Estados e organizações. Nesse sentido, o KAICIID Dialogue Centre destacou que, durante a pandemia da Covid-19, países como a Áustria e França viram crescer ataques antissemitas e islamofóbicos, mobilizados por discursos políticos extremos². Com a pandemia da Covid-19, surgiu espaço para a criação de falsas ideias, relacionando a propagação do vírus às pessoas imigrantes e racializadas, e tais ideias foram utilizadas para discursos de ódio direcionados a estas populações. As pessoas estão passando mais tempo nas redes sociais e sendo influenciadas por conteúdos que utilizam bodes

²Expert Consultation on Countering Hate Speech: Findings. <https://www.kaiciid.org/publications-resources/expert-consultation-countering-hate-speech-findings>

expiatórios e/ou teorias conspiratórias contra populações específicas. Assim, regular, sancionar e criminalizar o discurso de ódio é essencial para combater este fenómeno dentro e fora das redes sociais. Finalmente, nota-se que é necessário estabelecer uma oposição entre liberdade de expressão e discurso de ódio, para que o direito à livre expressão não seja instrumentalizado para favorecer episódios de ataques contra pessoas e populações específicas, dentre eles, as pessoas imigrantes. Além disso, é também fundamental que os ordenamentos jurídicos sejam revistos de forma a considerar esse tipo de crime, sobretudo os episódios ocorridos nas redes sociais.

DIAGNÓSTICO DO PROJETO: DISCURSO DE ÓDIO E IMIGRAÇÃO EM PORTUGAL

Para a realização deste diagnóstico, disponibilizamos um inquérito online, com perguntas quantitativas e qualitativas, e que foi distribuído por todas as regiões de Portugal. Dessa forma, realizamos um **estudo de caso**

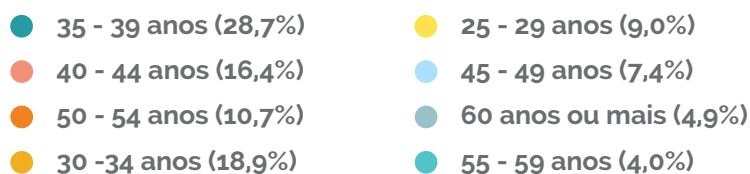
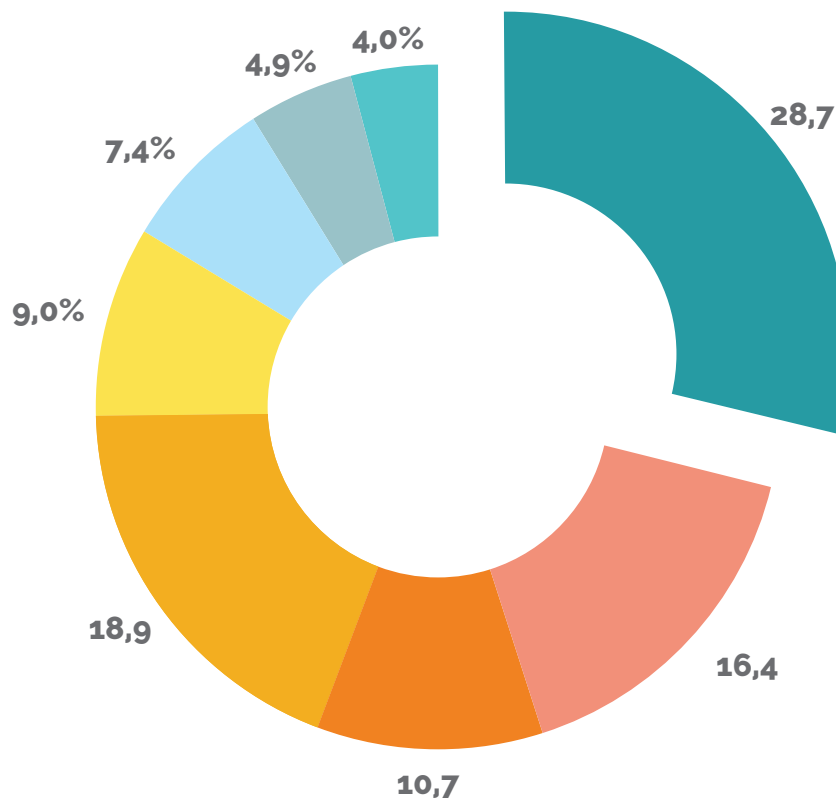
para compreender a dimensão do discurso de ódio na população imigrante e identificar os espaços de maior incidência desses episódios. A recolha de dados decorreu de 3 de maio de 2021 a 31 de agosto de 2021, sendo utilizadas múltiplas fontes de divulgação do inquérito, nomeadamente *Facebook*, *Instagram*, *E-mail* e *WhatsApp*.

Assim, obtivemos **122 respostas válidas**.

PERFIL DAS PESSOAS INQUIRIDAS		
Gênero (autodeclarado*)		
	Número	%
Feminino	90	73,8%
Masculino	30	24,6%
Não identificado	2	1,6%
Cor (autodeclarado*)		
Branco	76	62,3%
Negro	17	13,8%
Pardo	22	18%
Amarelo	2	1,6%
Latino	1	0,6%
Não declarado	4	3,3%
Estado Civil		
Solteiro	51	41,8%
Casado	38	31,1%
União de fato	14	11,5%
Divorciado	14	11,5%
Viúvo	5	4,1%

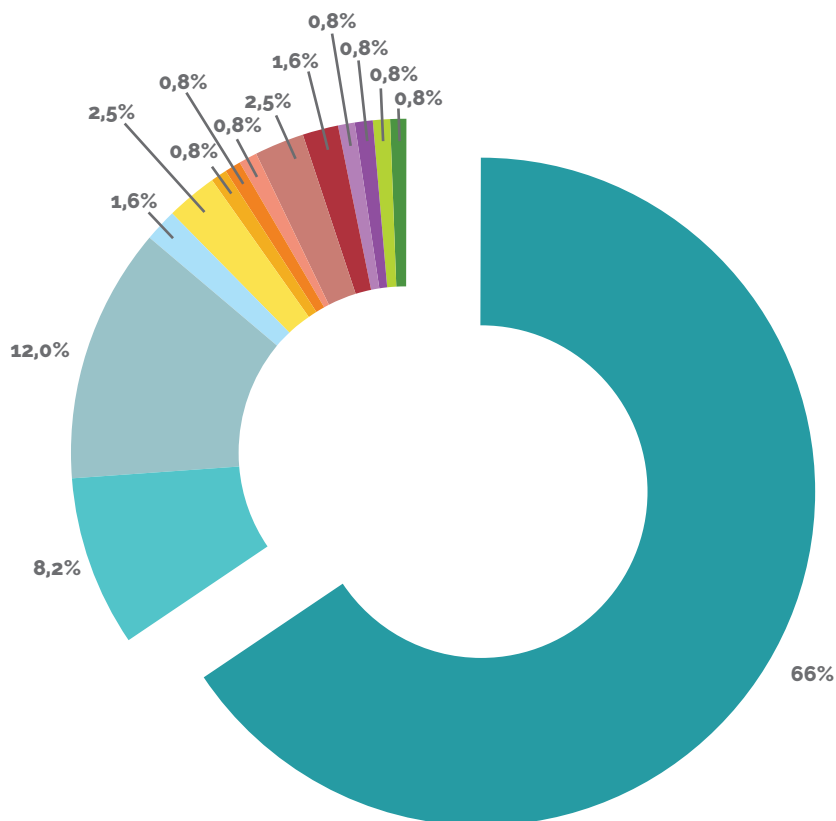
FAIXA ETÁRIA DAS PESSOAS INQUIRIDAS

A faixa etária predominante das pessoas inquiridas foi de 35-39 anos, **na sua maioria nacionais do Brasil (65,6%)**, do **sexo feminino (73,8%)**, autodeclarada* como **brancos (62,3%)**. A região com a maior taxa de respostas foi **Lisboa (68,9%)**.



Fonte: #MigraMyths - Desmistificando a imigração.
Casa do Brasil de Lisboa, 2021

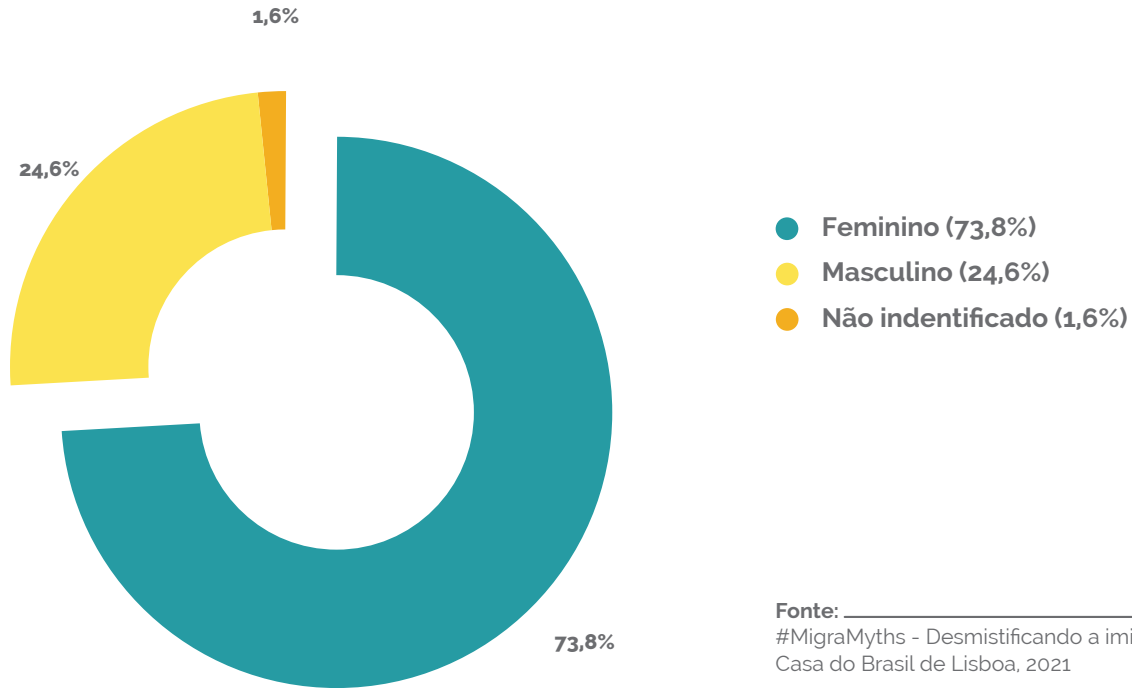
NACIONALIDADE DAS PESSOAS INQUIRIDAS



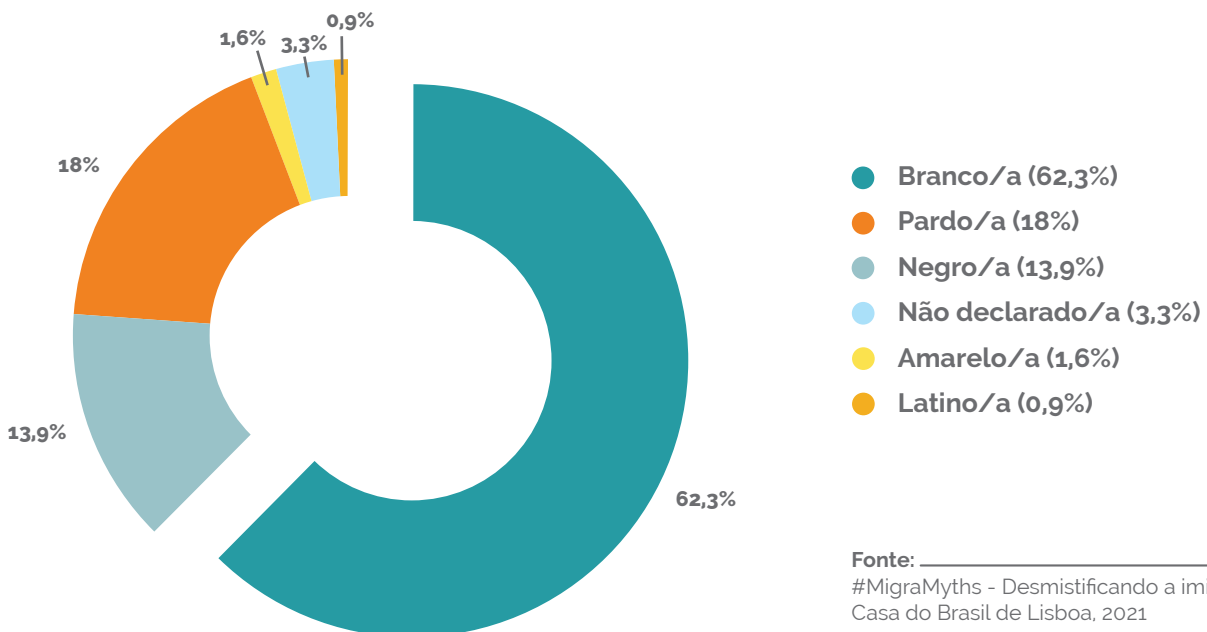
- Brasil (66,0%)
- Portugal (12,0%)
- Brasil / Portugal (8,2%)
- Argentina (2,5%)
- Itália (2,5%)
- Chile (1,6%)
- Espanha (1,6%)
- Colômbia (0,8%)
- Cabo Verde (0,8%)
- Gâmbia (0,8%)
- Paquistão (0,8%)
- Moçambique (0,8%)
- Brasil / França (0,8%)
- Itália / Brasil (0,8%)

Fonte: #MigraMyths - Desmistificando a imigração. Casa do Brasil de Lisboa, 2021

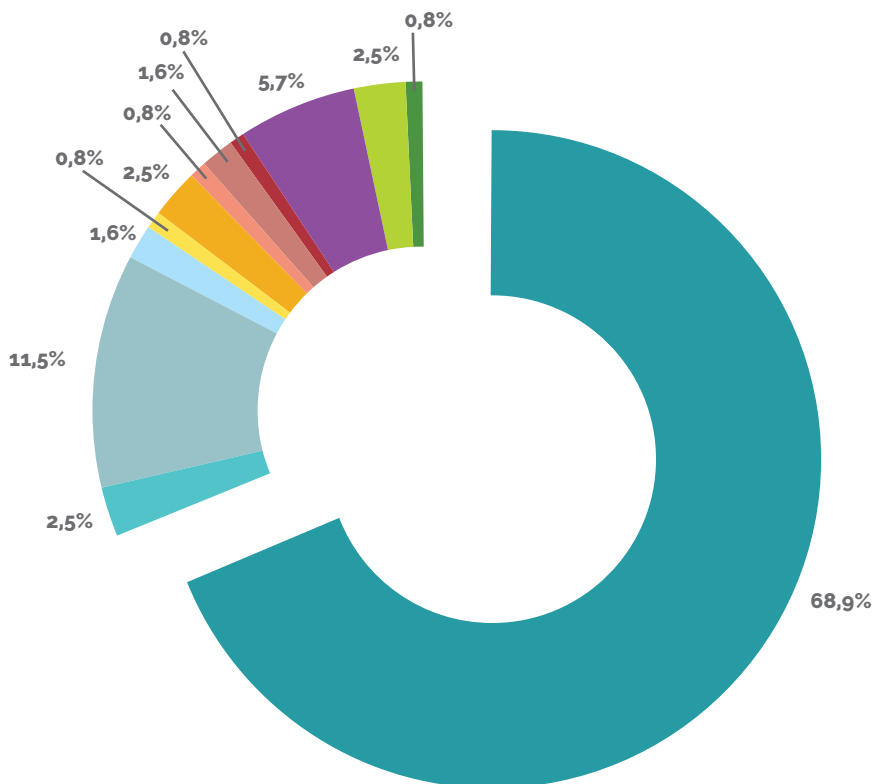
PESSOAS INQUIRIDAS POR SEXO (AUTODECLARADO*)



PESSOAS INQUIRIDAS COR (AUTODECLARADO*)



LOCAL DE RESIDÊNCIA DAS PESSOAS INQUIRIDAS

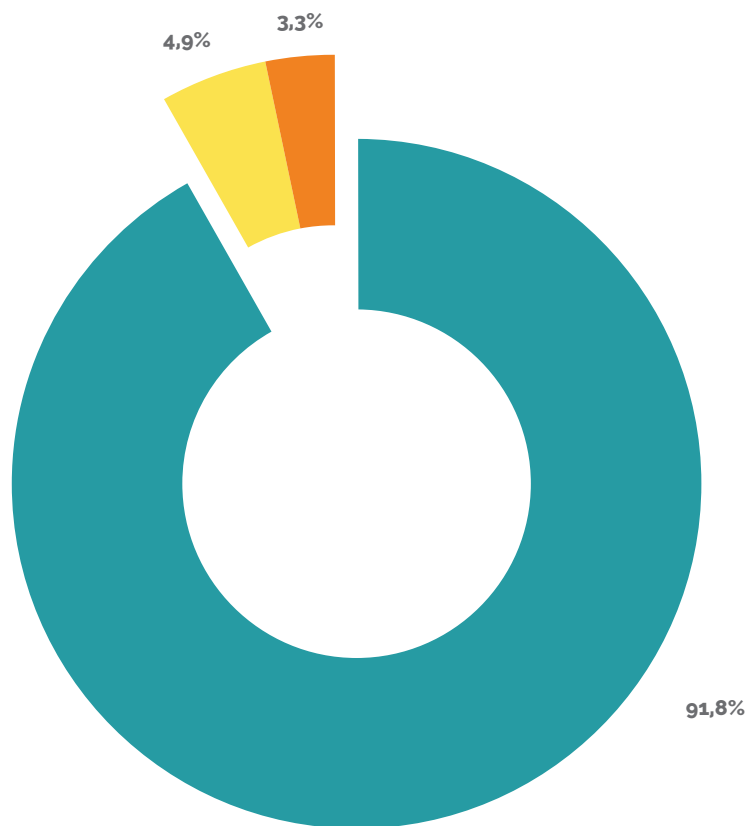


- Lisboa (68,9%)
- Setúbal (11,5%)
- Porto (5,7%)
- Bragança (2,5%)
- Coimbra (2,5%)
- Faro (2,5%)
- Aveiro (1,6%)
- Castelo Branco (1,6%)
- Açores (0,8%)
- Braga (0,8%)
- Évora (0,8%)
- Santarém (0,8%)

Fonte: _____
#MigraMyths - Desmistificando a imigração.
Casa do Brasil de Lisboa, 2021

ESCOLARIDADE DAS PESSOAS INQUIRIDAS

A maioria das pessoas inquiridas **possui ensino superior completo (91,8%)**, o que corrobora os dados do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) e de pesquisas que demonstram que a imigração brasileira para Portugal tornou-se cada vez relacionada ao ensino superior.

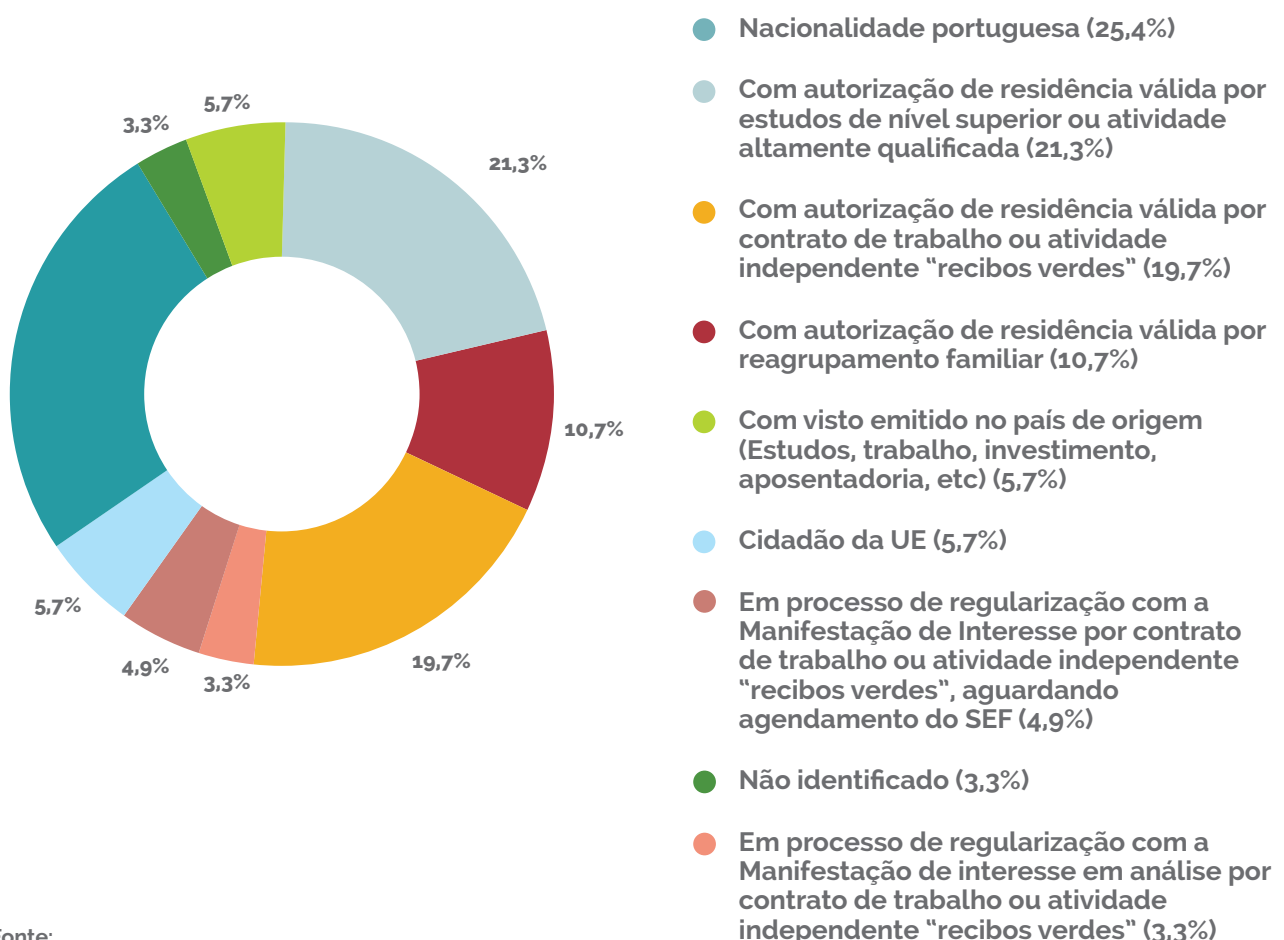


- Ensino Superior Completo (91,8%)
- Ensino superior Incompleto (4,9%)
- Ensino Secundário Completo (3,3%)

Fonte: _____
#MigraMyths - Desmistificando a imigração.
Casa do Brasil de Lisboa, 2021

SITUAÇÃO DE RESIDÊNCIA EM PORTUGAL

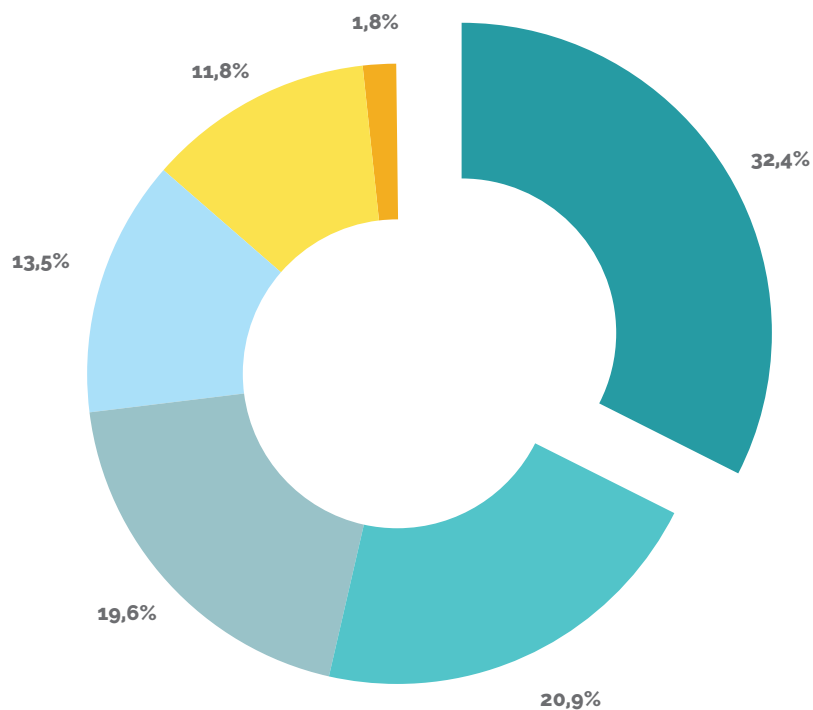
Com relação à situação de residência em Portugal, a maioria das pessoas inquiridas afirmou ter **nacionalidade portuguesa (25,4%)**, seguidas pelas que possuem **autorização de residência válida por estudos de nível superior ou atividade altamente qualificada (21,3%)** e pelas que obtiveram **autorização de residência válida por contrato de trabalho ou atividade independente (19,7%)**.



Fonte: _____
 #MigraMyths - Desmistificando a imigração.
 Casa do Brasil de Lisboa, 2021

MEIOS EM QUE MAIS PERCEBE A DISSEMINAÇÃO DE DISCURSO DE ÓDIO SOBRE A IMIGRAÇÃO E PESSOAS IMIGRANTES EM PORTUGAL

O principal meio onde as pessoas inquiridas **percepcionam** o discurso de ódio contra a imigração e as pessoas imigrantes em Portugal é a **internet (32,4%), por meio de redes sociais digitais como Facebook, Instagram e Twitter**. Em segundo lugar, as pessoas inquiridas destacaram os **serviços públicos (20,9%)**.

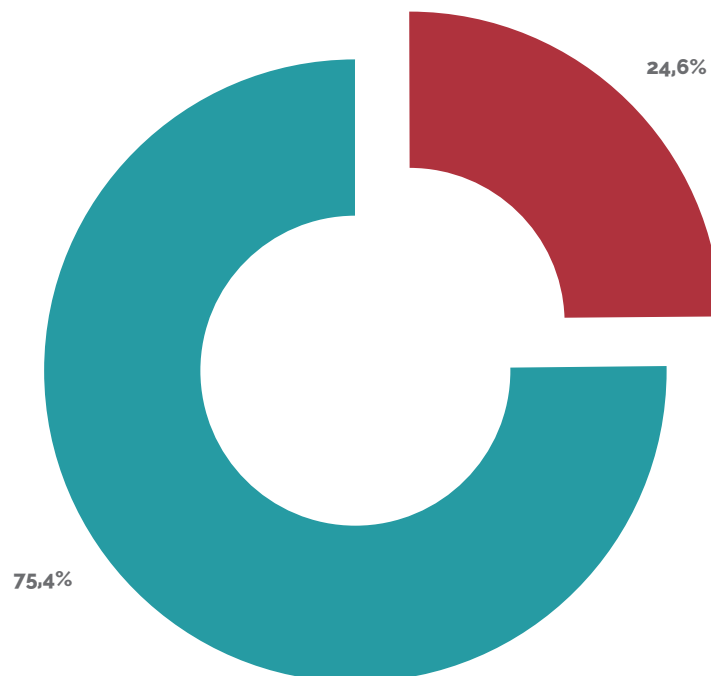


- Internet (redes sociais como Facebook, Instagram, Twitter e outras) (32,4%)
- Nos serviços públicos (Instituições do Governo) (20,9%)
- No ensino (Escolas, Universidades) (19,6%)
- Nos serviços provados (Comércio, bancos e outros) (13,5%)
- Comunicação Social (Televisão, rádio, jornais e outros) (11,8%)
- Outros (Trabalho, rua, política) (1,8%)

Fonte: _____
#MigraMyths - Desmistificando a imigração.
Casa do Brasil de Lisboa, 2021

JÁ SOFREU ALGUM TIPO DE DISCURSO DE ÓDIO BASEADO EM PRECONCEITOS E ESTEREÓTIPOS SOBRE A IMIGRAÇÃO OU POR SER IMIGRANTE EM PORTUGAL?

Quando perguntadas se já sofreram algum tipo de discurso de ódio, a maioria (**75,4%**) afirmou já ter sofrido.

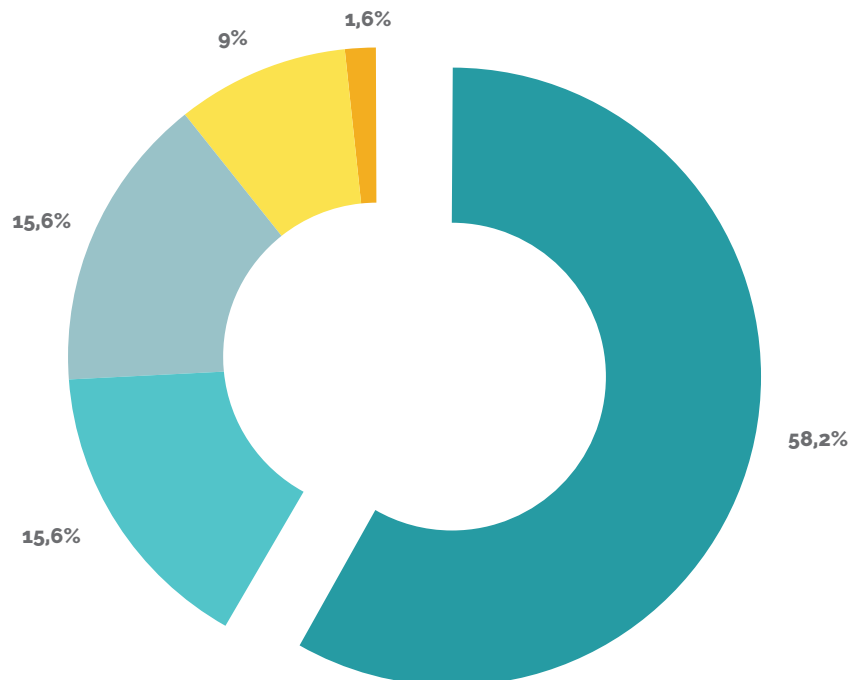


- Sim (75,4%)
- Não (24,6%)

Fonte: _____
#MigraMyths - Desmistificando a imigração.
Casa do Brasil de Lisboa, 2021

JÁ SOFREU ALGUM TIPO DE DISCURSO DE ÓDIO BASEADO EM PRECONCEITOS E ESTEREÓTIPOS SOBRE A IMIGRAÇÃO OU POR SER IMIGRANTE EM PORTUGAL, POR SEXO (AUTODECLARADO*)

Quando fazemos o recorte de gênero entre as pessoas inquiridas que afirmaram já ter sofrido algum tipo de discurso de ódio, verificamos que **a maioria autoidentificou-se como sendo do sexo feminino (58,2%)**.

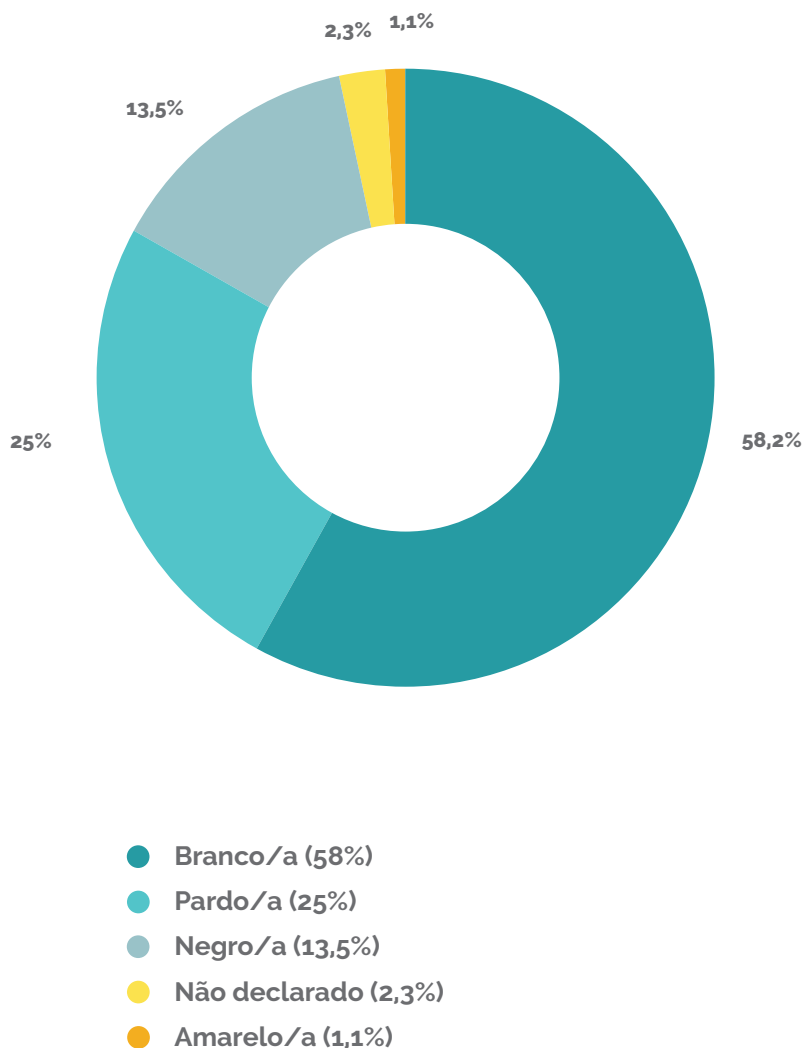


- Sim, sexo feminino (58,2%)
- Sim, sexo masculino (15,6%)
- Não, sexo feminino (15,6%)
- Não, sexo feminino (9%)
- Sim, não identificado (1,6%)

Fonte: _____
#MigraMyths - Desmistificando a imigração.
Casa do Brasil de Lisboa, 2021

JÁ SOFREU ALGUM TIPO DE DISCURSO DE ÓDIO BASEADO EM PRECONCEITOS E ESTEREÓTIPOS SOBRE A IMIGRAÇÃO OU POR SER IMIGRANTE EM PORTUGAL, POR COR (AUTODECLARADO*)?

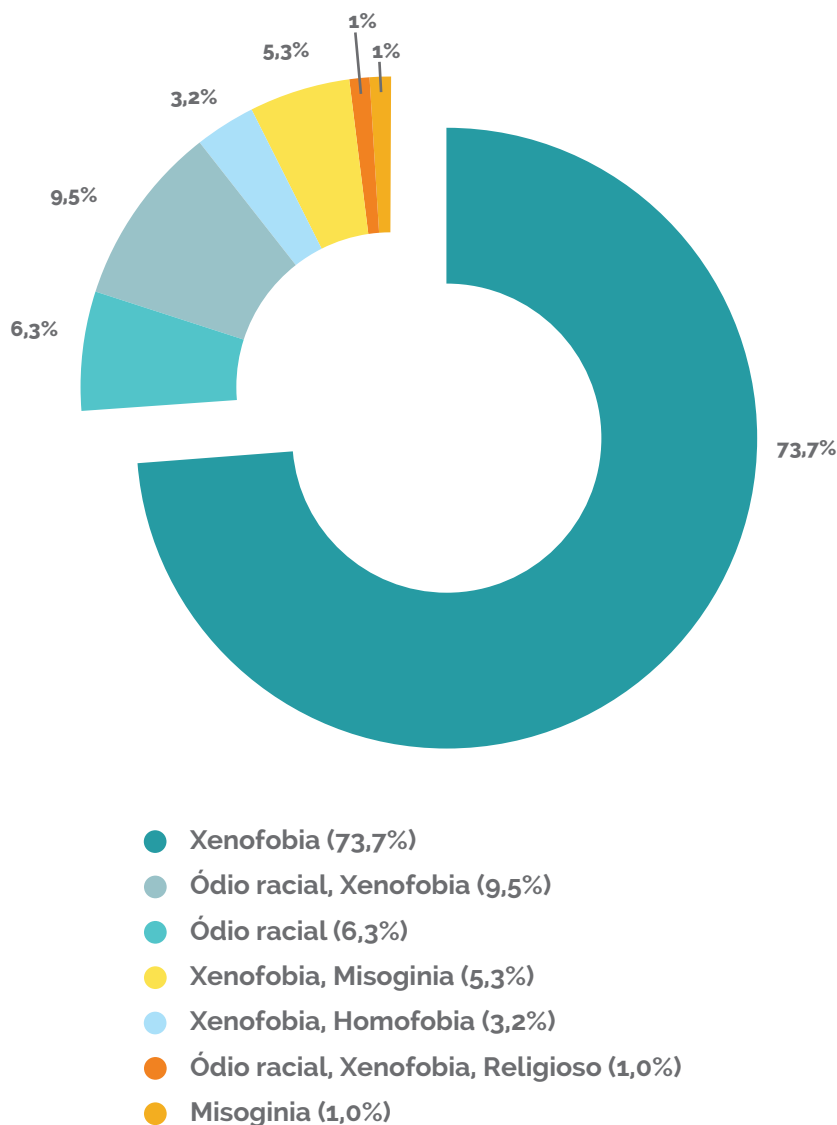
Quando fazemos o recorte de raça entre as pessoas inquiridas que afirmaram já ter sofrido algum tipo de discurso de ódio, verificamos que a **maioria autoidentificou-se como sendo branca (58%)**; em segundo lugar, aparece a indicação **pardo/a (25%)** e em terceiro lugar, **negro/a (13,5%)**.



Fonte: _____
#MigraMyths - Desmistificando a imigração.
Casa do Brasil de Lisboa, 2021

QUE TIPO DE DISCURSO DE ÓDIO JÁ SOFREU?

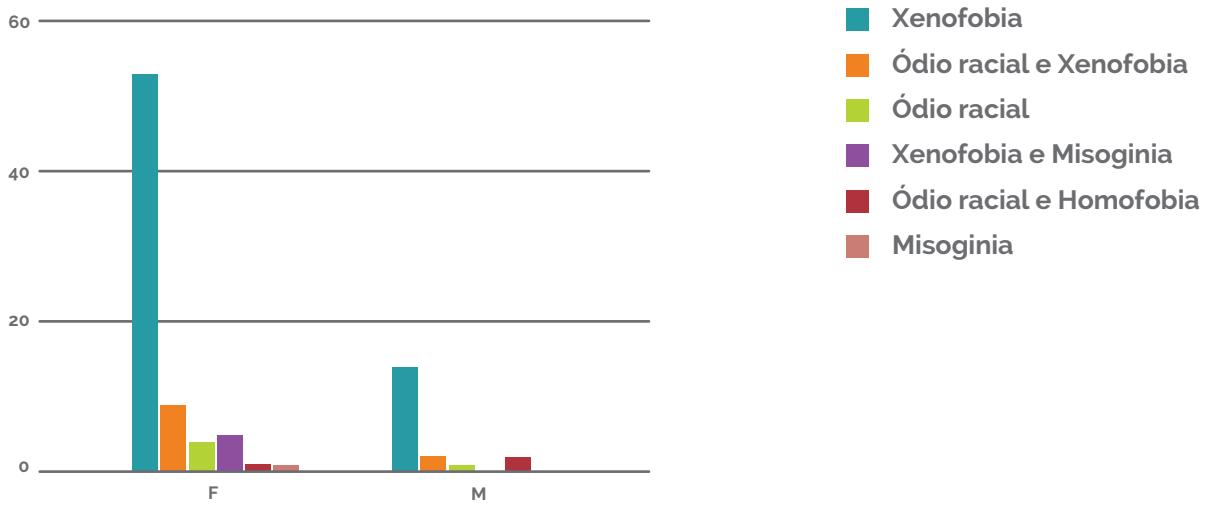
Contudo, na discussão sobre estes dados é importante considerar que o inquérito foi respondido, na sua maioria, por pessoas imigrantes que se autodeclararam brancas (62,3%), o que tem implicações na representatividade das experiências de discurso de ódio. A xenofobia foi o principal discurso de ódio mencionado pelas pessoas: **73,7% afirmaram já ter sofrido algum episódio de xenofobia em Portugal**. A seguir, o principal discurso de ódio apontado pelas pessoas inquiridas foi o **ódio racial em simultâneo com a xenofobia (9,5%); em terceiro lugar aparece o ódio racial (6,3%)**.



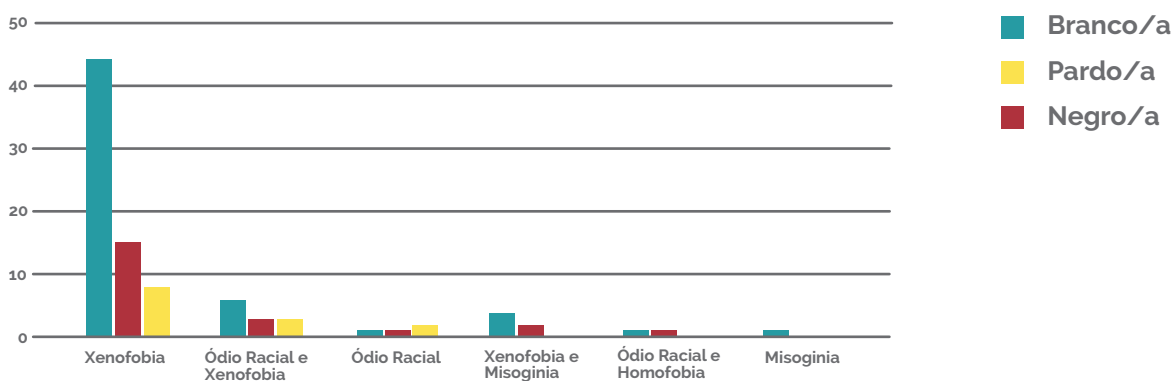
Fonte: [#MigraMyths - Desmistificando a imigração](#).
Casa do Brasil de Lisboa, 2021

QUE TIPO DE DISCURSO DE ÓDIO JÁ SOFREU POR, SEXO (AUTODECLARADO*)?

Além disso, é possível perceber que as pessoas do sexo feminino (autodeclarado) sofrem mais xenofobia em comparação aos homens, representando 53 e 14 casos relatados, respectivamente. As pessoas autodeclaradas brancas também afirmaram que, quando sofreram discurso de ódio, este teve como base a xenofobia (44 dos casos relatados).



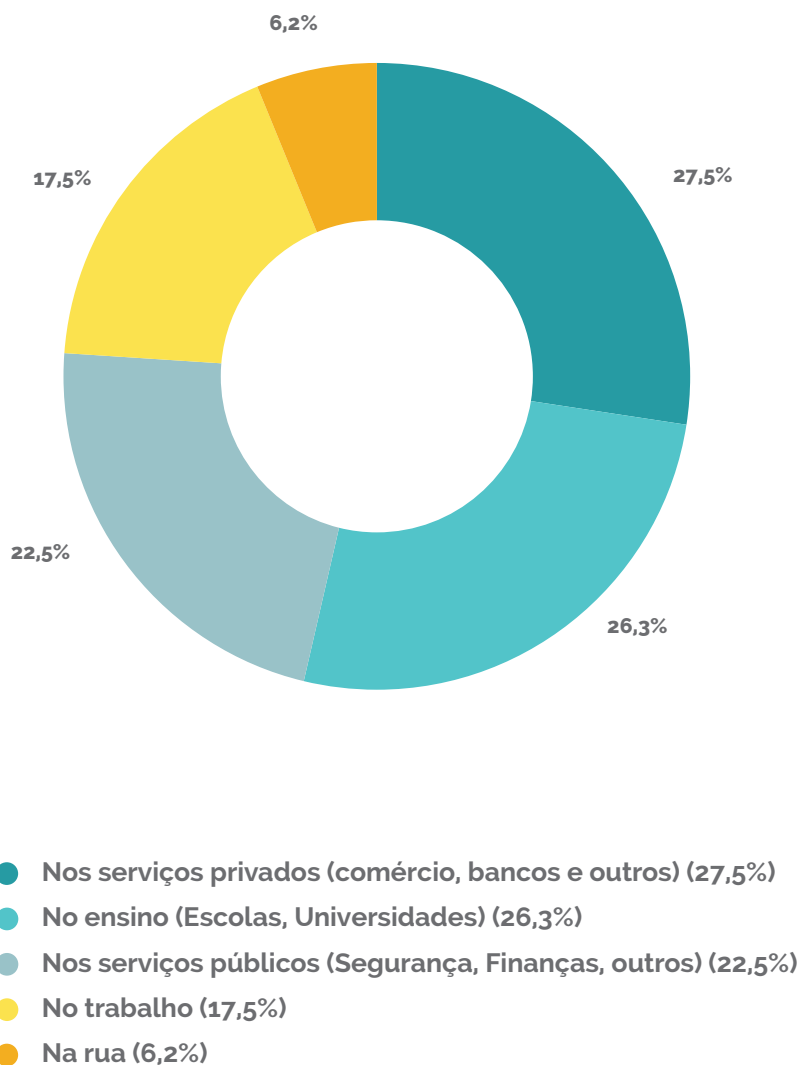
Fonte: #MigraMyths - Desmistificando a imigração. Casa do Brasil de Lisboa, 2021



Fonte: #MigraMyths - Desmistificando a imigração. Casa do Brasil de Lisboa, 2021

LOCAL ONDE A VÍTIMA SOFREU DISCURSO DE ÓDIO

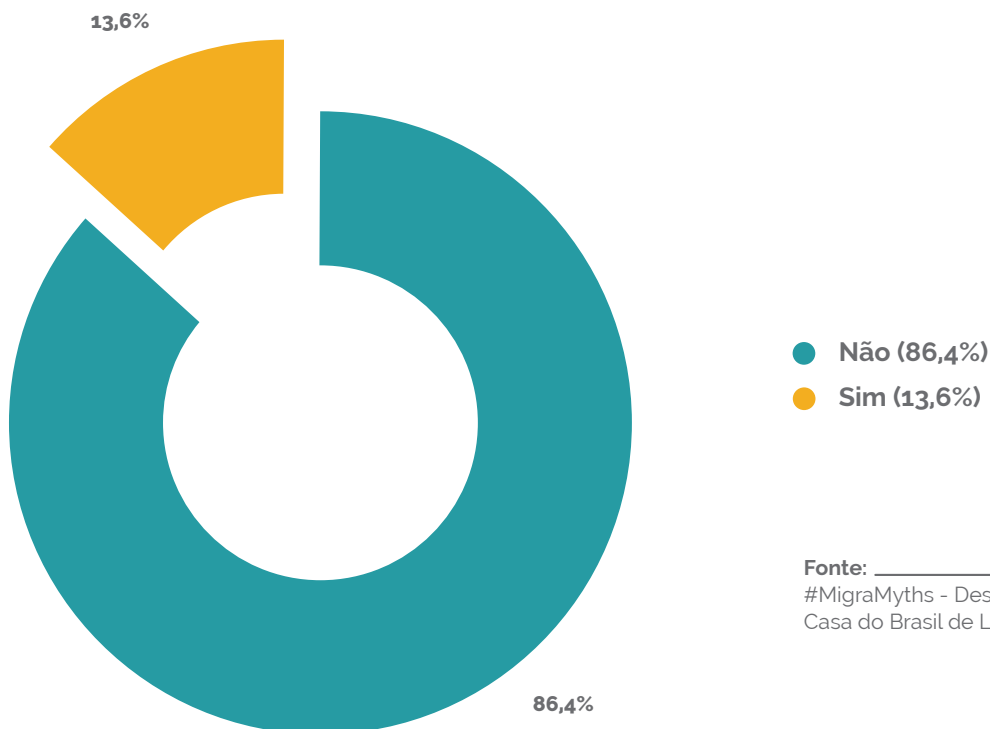
O principal meio em que as pessoas inquiridas afirmaram ter sofrido discurso de ódio foi nos **serviços privados (27,5%)**, como comércio e bancos, seguidos do **ensino (26,3%)** e dos **serviços públicos (22,5%)**:



Fonte: _____
#MigraMyths - Desmistificando a imigração.
Casa do Brasil de Lisboa, 2021

DENÚNCIA DO DISCURSO DE ÓDIO

Contudo, apesar do número de pessoas inquiridas afirmar já ter sofrido algum tipo de discurso de ódio, isto não se refletiu em queixas. **A maioria (86,4%) não denunciou** o episódio às autoridades competentes.



Fonte: _____
#MigraMyths - Desmistificando a imigração.
Casa do Brasil de Lisboa, 2021

Quanto questionados sobre o porquê de não denunciar, vários fatores foram apontados pelas pessoas inquiridas: não ter a identidade da pessoa agressora, medo de represália, medo de perder o visto ou o título de residência, não saber onde fazer a denúncia, não ter provas, falta de confiança nos órgãos públicos, medo de perder o emprego, vergonha e insegurança.

Não denunciei porque, neste país, a corda quase sempre rompe do "lado mais fraco". Vim pra Portugal sozinha para cursar um mestrado e conseguir alguma oportunidade de trabalho, mas nunca tive uma rede aqui. Uma vez,

quando estava em processo de mudança do meu visto de estudo para trabalho, e passei por um período "irregular" relativamente à situação migratória, meu chefe me disse "se eu fosse você, eu sentiria medo de mim". E eu senti mesmo, confesso. Uma pessoa recém-chegada num país, lidando com situações de violência psicológica no local de trabalho, sem outras fontes financeiras, sem uma rede, sem conhecer, de fato, seus direitos e estando com estatuto irregular, sente medo. Quem não sentiria?

Não sabia a qual instituição recorrer. Só conhecia o SEF, mas a minha experiência me leva a crer que é uma das instituições mais racistas de Portugal.

Estava sem documentos ainda e com promessa de contrato de trabalho, achei que pudesse me prejudicar e ficar sem emprego na altura.

O emocional fica muito abalado, e mesmo tendo clareza dos meus direitos, me senti fraca.

Estava em dois momentos muito complicados. Na Universidade, senti medo de denunciar e isso prejudicar meu mestrado. Já no Bairro Alto, não denunciei, pois estava tentando focar na dissertação, em um momento muito complicado de fragilidade e dedicação; sendo assim, não queria me aborrecer com algo que só traria mais dor de cabeça pra mim.

No início, ao chegar em Portugal, não sabia como funcionava a parte de denúncia sobre xenofobia, telefones etc., e soube das informações quando já

era tarde para agir. E na faculdade também não havia canais com informações sobre como os imigrantes deviam fazer em casos desses. No trabalho, tentei falar com a supervisão, mas ela apoiava algumas atitudes. Depois, pedi demissão, e mesmo assim a pessoa não parou de me perseguir. Fiz queixa aos Recursos Humanos, eles me mudaram de local, mas saí da empresa, porque o estrago psicológico foi alto.

O discurso veio de um dos principais professores do curso.

Foram insultos e senti-me mal, mas não tinha a identidade da pessoa e não queria pensar mais nisso. Achei que não era grave para mim, mas sinto-me envergonhada muitas vezes, depois desses episódios, de falar em público com meu sotaque, porque apercebi-me de que há pessoas que sinceramente não gostam dos migrantes em Portugal. Isso às vezes traz insegurança, mas em geral estou contente de morar aqui.

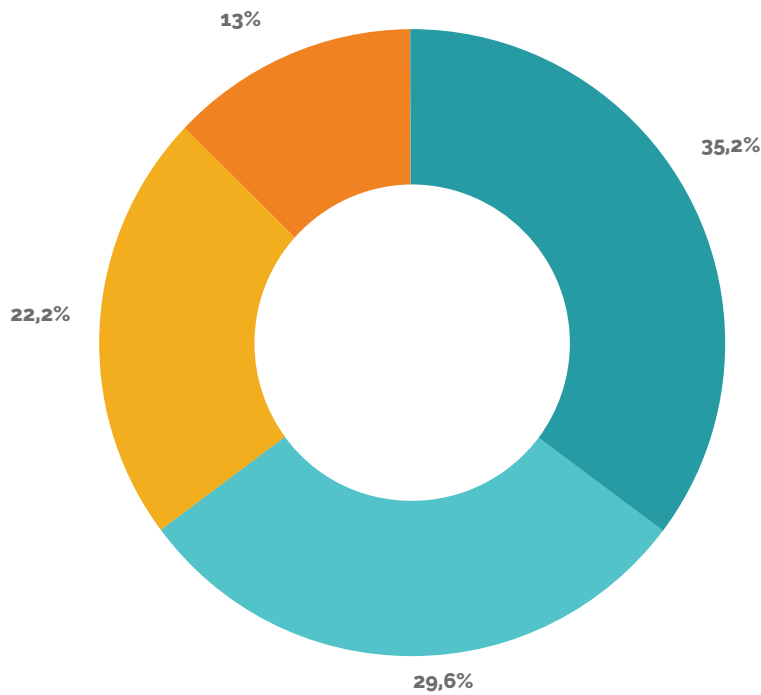
Medo de a reação da pessoa ser violenta, medo de represália, de perder meu visto de estudante, de não conseguir emprego ou, no caso da apresentação da tese, de eles não aceitarem e negarem meu título de Mestra.

Falaram que a justiça de Portugal não defende imigrantes.

Falta de confiança nos órgãos públicos aos quais poderia denunciar.

COMO A SOCIEDADE CIVIL PODE COMBATER OS DISCURSOS DE ÓDIO SOBRE A IMIGRAÇÃO E SOBRE AS PESSOAS IMIGRANTES EM PORTUGAL

Finalmente, a **educação (35,2%)** e as **campanhas de conscientização (29,6%)** foram apontadas pelas pessoas inquiridas como as principais formas de a sociedade civil combater o discurso de ódio contra a imigração e as pessoas imigrantes.



- Educação (35,2%)
- Campanhas de conscientização (29,6%)
- Informação e formação (22,2%)
- Multiculturalismo (13%)

Fonte: _____
#MigraMyths - Desmistificando a imigração.
Casa do Brasil de Lisboa, 2021

CONCLUSÃO

O diagnóstico realizado pelo projeto #MigraMyths - Desmistificando a Imigração 2ª Edição aponta que o marcador gênero continua a ser predominante nas vivências de xenofobia, racismo e discurso de ódio. Além disso, os dados recolhidos são fundamentais para considerarmos que as pessoas imigrantes e racializadas vivenciam situações cotidianas de discriminação baseadas em estereótipos e preconceito. O discurso de ódio está cada vez mais presente nas redes sociais e tem impacto direto na vida das pessoas, seja pelo ataque direto por conta da sua pertença, seja pelo ataque à sua comunidade.

Consideramos, por fim, que as políticas públicas devem ser interseccionais e considerar os diversos marcadores sociais, como a nacionalidade, o gênero, a cor da pele e a pertença étnico-racial, entre outros. Além disso, reforçamos a importância da participação das diferentes esferas da sociedade para a análise e elaboração de respostas sociais efetivas no combate ao racismo, à xenofobia e ao discurso de ódio.

RELATOS

Os relatos coletados no inquérito foram disponibilizados de forma facultativa pelas pessoas imigrantes que descreveram situações de xenofobia, discurso de ódio e racismo em diversos espaços, público e privado, entre eles na família, saúde, universidades e serviços públicos.



1

“Dois dias após ter passado por uma cesariana, fiquei presa no elevador do prédio onde vivo, sem celular. Gritei por quase meia hora por socorro, inclusive chamando pela única vizinha que conheço. Um tempo depois, uma pessoa foi me ajudar. Naquele dia, a vizinha por quem eu gritei pedindo socorro comentou comigo que ouviu uma gritaria, inclusive chamando pelo nome dela, e que não foi ajudar porque viu que era uma brasileira e não ia se misturar com esse povo (segundo ela, não reconheceu minha voz).

2

Minha filha tem escoliose e a médica do posto de saúde de Benfica disse que ela não teria direito a atendimento público por ser brasileira e estar ilegal. Expliquei que ela estava em processo de legalização e que o PB4 dava direito a ela ser atendida. A médica se negou a passar o exame e encaminhar para a fisioterapia. Tive que fazer reclamação com a diretora do posto de saúde para conseguir atendimento. Detalhe maior: a médica disse que eu deveria procurar o atendimento privado, pois Portugal não tinha culpa da doença da minha filha!!! Fiz queixa no livro de queixas, mas, infelizmente, a médica está lá e continua a tratar MUITO MAL os imigrantes que precisam deste posto.

3

Não fui efetivamente uma vítima (ou não me vejo como), mas já ouvi "volta para a tua terra"; os brasileiros são desonestos; os brasileiros são burros... sempre com a frase antecedente "não é de você que estou a falar"

4

Na graduação já me disseram que não gostam das brasileiras porque elas querem portugueses ricos. No mestrado eu ouvia sobre a minha roupa: "não estás no Brasil". Uma vizinha já me parou para dizer que ia chamar a polícia porque eu fazia barulho, sendo que morava eu e uma colega e nunca recebemos visita. Depois que expliquei, ela disse que ríamos muito, e percebi a xenofobia quando ela disse "na vossa terra..."

5

Morava no Bairro Alto, era domingo, 1h da manhã, e havia um casal brigando muito alto na rua (em algum bar). Estava tentando focar para escrever minha dissertação, então fui até a janela, e gritei: "Ô, falem mais baixo! Tem pessoas que moram aqui." Eles levantaram a cabeça e gritaram "volte pra sua terra, brasileira de merda". Todos os vizinhos ouviram, fiquei em choque e ninguém fez nada.

6

Na universidade, também passei por DIVERSAS situações, desde assédio (por parte de professores e até alunos portugueses), por ser a única mulher do curso em um mestrado de TI, até insultos quanto à minha escrita (segundo eles, português brasileiro)

de literatura disse que eu devia falar direito, porque ali não era um bar. No café aonde eu ia, quando souberam que eu era brasileira, não paravam de fazer "brincadeiras", até o dia que eu não frequentei mais.

7

Na família, um parente disse, com todos à mesa, que brasileiros não gostam de trabalhar. No meu antigo trabalho, era humilhada diariamente e diziam que eu não sabia fazer o que pediam e que não gostava de trabalhar. Quando meu marido me apresentou à esposa de um parente, ela disse que Portugal não tinha trabalho e que brasileiras eram todas falsas. Quando meu marido me apresentou a um colega, ele passou o dia a falar mal do Brasil, dos brasileiros e dos motivos dele para não gostar de brasileiros. Na faculdade, um professor da área

8

Um motorista de aplicativo reclamou da minha forma de falar português e disse que aqui em Portugal eu deveria me adequar.

9

Um senhor em Queluz, gritou-me "vai para a tua terra!!", com desprezo e agressivo.

10

Fui xingada no transporte público.

11

Fui chamado de burro na frente de vários clientes, pois não compreendi o que o português falou.

12

Recentemente, no café do Parque da Paz, um português desrespeitou a fila e foi atendido na minha vez. Quando reclamei, ele disse que eu deveria respeitá-lo por estar em seu país, e depois me mandou voltar para o meu país.

13

Pelo menos duas vezes, na rua, ao perceber a minha identidade estrangeira, alguém fez insultos. Por sorte, não tenho sido vítima de prejuízos que não permitam que trabalhe ou estude.

14

Fui em diversas vezes assediada por ser brasileira e por assumirem que fui para Portugal para prostituição (eu fui para fazer Mestrado). Ouvi diversas frases como "mas a miúda bem que quer sair comigo", "mas brasileiras gostam de mamar no primeiro encontro e eu posso pagar por isso". Na universidade, os professores faziam questão de ridicularizar as palavras que eu falava diferente. Na defesa da minha tese (que apesar de ter sido feita em Portugal, era sobre população brasileira em risco social), fui severamente criticada por não utilizar termos portugueses. Também tive muita dificuldade para alugar casas, pois no telefone, quando ouviam meu sotaque, diziam que já não estava disponível ou mesmo "para brasileiros eu não alugo".

15

Por ser mulher, sempre tem a "brincadeira" de que roubamos os maridos das portuguesas. Por várias vezes, já falaram que estou aqui para roubar o emprego dos portugueses, que não falo o português correto.

16

No Banco CTT, em Lisboa, dificultavam a minha abertura de conta, pois "sou mexicano". Apenas morei no México, mas não sou mexicano. Fiz três denúncias por xenofobia que deram em nada. O banco Cetelem/Paribas negou-me um cartão de crédito, por ser estrangeiro. Fui atacado no site Trip Advisor por "ser brasileiro", fiz denúncia, pedi ajuda ao CNAIM e NUNCA, NUNCA me ajudaram.

17

Dei aulas de história, por uma semana, em uma escola. Mas não fiquei, pois os pais começaram a questionar o fato de a professora ser brasileira.

18

Uma professora do ISCSP corrigiu uma palavra muito usada na psicologia, dizendo que estava errada, mas que isso era devido ao nosso português errado do Brasil, pois no Brasil falamos brasileiro, segundo ela. Reportei o caso ao ISCSP e à ULisboa, pois a professora fez isso durante uma aula no ISCSP, mas nada fizeram, nem sequer recebi resposta.

19

Trabalhava na recepção de hotel, um cliente veio falar com segundas intenções e dizendo que, por ser brasileira, eu já estava acostumada a ir para o quarto de outros, insinuando que eu era prostituta.

20

No trabalho, já sofri preconceito linguístico. Usei o termo "ressalto" em um email e a chefia respondeu ao meu email: "Ressalto? Quis dizer ressalvo?". Respondi que era ressalto, do verbo ressaltar, e inseri o link do dicionário online da Porto Editora (para demonstrar que estava de acordo com o acordo ortográfico). Em outros trabalhos, tinha minhas competências diminuídas pela chefia me dizer espantada: "Você fala inglês bem! Eu tinha muito receio do seu inglês, porque os brasileiros não falam bem inglês..."

21

Enquadro essas questões em discurso de ódio, uma vez que são pertencentes à excludente narrativa de que o português do Brasil é "incorreto" e não faz parte da Língua Portuguesa. Desta forma, passa a ser um discurso de ódio utilizado para nos subalternizar, para contribuir para uma ideia de que não podemos pertencer, ocupar determinados lugares.

22

No SEF, quando eu fui para o agendamento, a mulher me tratou muito mal porque eu não falava o português com fluência e achava que ela estava a fazer um favor para mim. Em vez de me orientar, quando estava a entregar os documentos, ela me falava o tempo todo "não sei o que quer dizer isso não", e de mau humor. Eu tive que sair e pedir para que meu marido entrasse. Mesmo tendo meu bebê (português) no colo, com só um mês, ela nem assim percebia que seu mau trato fazia com que ficasse nervosa e o nenê também.

23

Me fez sentir sem dignidade. Tudo na frente dos meus filhos. Foi muito humilhante.

24

O meu caso não é nada extremo, mas, sendo espanhola, não posso evitar de me aperceber sempre esse julgamento dos portugueses para com os espanhóis: não sabemos nem percebemos português, e isso é porque não queremos aprender, somos brutos, não educados, gritamos, somos muito diretos, etc.

25

Também os homens costumam dizer que as espanholas são muito mais "abertas" que as portuguesas, e que é mais fácil ir para cama etc.

26

"Vocês, brasileiros, vêm para cá para sujar o país e fazerem merda. Vocês, brasileiros, só sabem usar havaianas e beber cerveja. Esses paneleiros parecem brasileiros."

27

No ensino superior, em Portugal, tirava nota baixa devido o meu português ser "brasileiro", e a nota era justificada por isso.

28

Tive uma discussão com um taxista que insistia em definir os brasileiros como um povo ignorante politicamente, trapaceiro e sexualizado. Foi somente depois de assistir a este episódio que meu namorado na época, alemão, compreendeu porque eu insistia na fala de que Portugal é um país preconceituoso.

29

Uma ex-chefe comentou que iam fazer uma vaquinha para pagar uma brasileira para sair com um colega que estava triste.

30

Foram tantas as vezes, citarei uma: trabalhava numa padaria e meu chefe pediu algo com que eu não estava de acordo; ele disse que, se eu não fizesse, ele me mandaria de volta pro Brasil de navio, como faziam com os escravos; que, se fosse portuguesa, faria sem reclamar.

31

Uma médica disse que não tinha tempo para me atender e que, se estava achando ruim, que voltasse para o meu país.

32

Todos os dias sinto algo, mas às vezes não são verbalizados, são atitudes. A que mais sofro como mulher não-branca e imigrante é a sexualização do meu corpo. A minha religião também não pode ser falada aqui, por questões morais, e a forma como eu falo não é respeitada - sempre dizem que não falo da maneira correta.

33

Estava com o meu carro estacionado e uma portuguesa bateu com o carro dela na minha porta. Desci para ver o estrago e ela já veio dizendo que não pagaria o conserto porque eu estava de favor no país dela.

34

Eu, particularmente, nunca sofri um ataque muito grave, mas já ouvi diversos comentários depreciativos sobre brasileiros no meu mestrado em Comunicação e Cultura. Nosso professor se recusava a aceitar o termo "mídia" como correto e fazia diversas "piadas" com PT-BR.

35

Uma vez, trabalhei num restaurante, e havia muitos clientes. Tirei o pedido de uma portuguesa, mas era a área de um amigo servir. Ele disse que ele levaria o pedido, mas acabou por se confundir e entregou o pedido dela para outra mesa. A portuguesa então disse bem alto: "É isso o que dá contratar brasileiras parvas!". Eu fui com meu amigo lá, e ele respondeu, defendendo-me: "Temos a casa cheia, se tu não estás a ver, a parva és tu. E ademais, fui eu que errei o pedido. O que pediste está anotado aqui." Eu li o que ela pediu em alto e bom tom, e a cara dela foi abaixo. Ela nem comeu, pagou e saiu sem falar nada. Em outra ocasião, o gerente de uma loja sugeriu, diversas vezes, que eu não tinha dinheiro para pagar pelo que consumi só porque eu havia perguntado o preço dos produtos antes. Ele voltou várias vezes à minha mesa e não me deixou em paz, até que eu

respondesse: "Se o preço não está exposto, tenho de perguntar. Se eu não tiver dinheiro, não peço." Ao que ele responde: "Sabes melhor do que eu que brasileiros..." Eu o interrompi: "Tu nem brasileiro és. Cala-te, já ou chamo a polícia por xenofobia." Ele expulsou-me aos gritos e eu chamei a polícia na mesma, que não veio.

36

Por ser mulher e trabalhar em contextos periféricos, fui vítima de ódio por parte das forças de segurança quando me deslocava do meu local de trabalho para os transportes públicos.

37

Minha antiga chefe falava abertamente no trabalho que as brasileiras só vinham para Portugal roubar os maridos das portuguesas.

38

Nos serviços de imigração, a quantidade de perguntas, ao se entrar em Portugal pelo aeroporto, é sempre maior e mais intensa (para os brasileiros) do que para pessoas de outras nacionalidades, principalmente quando é uma mulher negra viajando sozinha, estereótipo de desqualificação e sexualização.

39

Na praia, alguns portugueses pediram para afastar meus objetos pessoais, porque não queriam proximidade com brasileiros. Ficaram xingando, depois pegaram os filhos menores e foram embora. Também no ambiente de trabalho, no atendimento ao público português, vários se recusaram a ser atendidos por mim, porque disseram que não falam com brasileiros.

40

Minha professora disse que eu não sabia falar português. E um colega disse que vim roubar emprego dos portugueses.

41

Um dia, estava no supermercado e um senhor começou a gritar, para todo o mundo ouvir, que a senhora da caixa não precisava de contar o dinheiro que ele lhe entregava, porque ele não era preto, logo, não roubava.

42

Em 4 anos, levantei 12 reclamações por xenofobia... e até tentei ajuda do CNAIM por um ato de xenofobia na internet. NUNCA tive apoio... Então, acho que a luta contra o racismo e a xenofobia é pura pose, não há vontade em Portugal de lutar e punir ambas as coisas.

43

Sou professora de português e comumente escuto que não tenho qualificações, pois não falo o português europeu. Escuto também que busco nacionalidade, por ter um parceiro português, sendo que eu tenho nacionalidade europeia também.

44

Minha filha estava a fazer aulas de yoga online e a ensinar os colegas como ativar os panos de fundo no Zoom. O menino que fazia aulas com ela, a certa altura, começou a dizer e a fazer caretas para tentar ridicularizá-la: "Não percebo a tua língua! Não consigo perceber tua língua". Enviei um e-mail à coordenação da escola de yoga a dizer que minha filha tinha passado por esse episódio de xenofobia, porque afinal falamos, sim, a mesma língua, e a resposta que obtive foi ainda pior. A coordenação da escola de yoga respondeu que agradecia que eu tivesse partilhado como nos sentimos, mas que "deveria desfazer um mal-entendido". A partir daí, o texto todo era para deslegitimar nossa sensação de termos sido diminuídos por nossa origem.

45

Basta sair na rua para ouvir algum desrespeito por causa do meu corpo. É diário.

46

Na universidade, professores já vieram com inverdades a respeito do meu país e falando coisas xenófobas mentirosas. Digamos que já comprei muita briga e vou continuar comprando. É inadmissível que universidades que dependem financeiramente de estrangeiros tenham professores desinformados, mal preparados e preconceituosos

47

Que eu deveria fazer uma boa tradução de um material em inglês para o português do Brasil, mas o bom, não o nordestino.

48

Atualmente, ocupo uma função de chefia pela qual não recebo a remuneração adequada, sendo que minha antecessora (portuguesa) a recebia, mesmo tendo menos experiência, menos idade e menos formação. Nunca me foi apresentada uma justificativa para tanto, mesmo eu tendo pedido.

49

Um homem me perguntou quanto eu "cobrava" pra sair com ele. Outro homem me disse que brasileira não servia para o meu cargo, só valia pra estar de biquíni.

50

Trabalhei numa associação que presta apoio a imigrantes em Portugal. Eu era a única pessoa brasileira. Meu coordenador várias vezes me disse que eu tinha problemas de comunicação, que eu precisava melhorar meu português, que ele não confiava em nada nem ninguém vindo do Brasil, e fazia piadas de cunho racista e sexista. Sofri assédio moral todos os dias, e o incrível desta história é porque eu trabalhei, repito, numa associação que presta apoio a pessoas migrantes. Eu era uma trabalhadora migrante, mas, ao invés de receber algum tipo de apoio, recebi agressões diárias. Resultado: saí do trabalho, quase tive depressão, desenvolvi transtorno de ansiedade, nunca mais tive minha vida normal e a recuperação é muito lenta, pois tenho que lidar com as sequelas

psicológicas disto tudo e mais uma sociedade claramente racista, xenófoba e sexista, em que os imigrantes são extremamente desvalorizados (minha experiência e formação do Brasil pouco contou para alguma coisa "porque tudo que vem de fora não presta, apenas o que vem daqui do país") e só servem para encher os cofres da segurança social.

51

Estava trabalhando na restauração quando um cliente percebeu que os funcionários eram todos imigrantes (brasileiros e alemães) e começou a proferir xingamentos, até que fui pedir que ele se retirasse e as ofensas começaram a ser dirigidas a mim e aos "brasileiros", mais especificamente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Baldacci, E., Buono, D., & Gras, F. (2017). Fake news and information asymmetries: data as public good. In *Comunicação apresentada na Conferência Dataforpolicy.org, Londres*. Retirado de https://www.researchgate.net/publication/319503207_Fake_News_and_Information_Asymmetries_Data_as_Public_Goodt

Costa, P. R. (2020). Uma cartografia do ódio no Facebook: gatilhos, insultos e imitações. *Comunicação Pública*, 15(29), 01-28. Retirado de <https://journals.openedition.org/cp/11367>

Darnton, R. (2017). The true history of fake news. *The New York Review of Books*.

Dewey, C. (2016). 6 in 10 of you will share this link without reading it, a new, depressing study says. *The Washington Post*, 16.

Ferreira, S. (2014). Media e migrações: a língua enquanto património identitário na produção de conteúdos mediáticos na diáspora. *Interdisciplinary Journal of Portuguese Diaspora Studies*, 3(2), 339-358.

McGuillen, P. (2017). How the techniques of 19th-century fake news tell us why we fall for it today. Nieman Lab. <https://www.niemanlab.org/2017/04/how-the-techniques-of-19th-century-fake-news-tell-us-why-we-fall-for-it-today/>

Santana, M. (2021). A direita radical populista em Portugal. Observatório político. Working paper 102, Abril 2021.

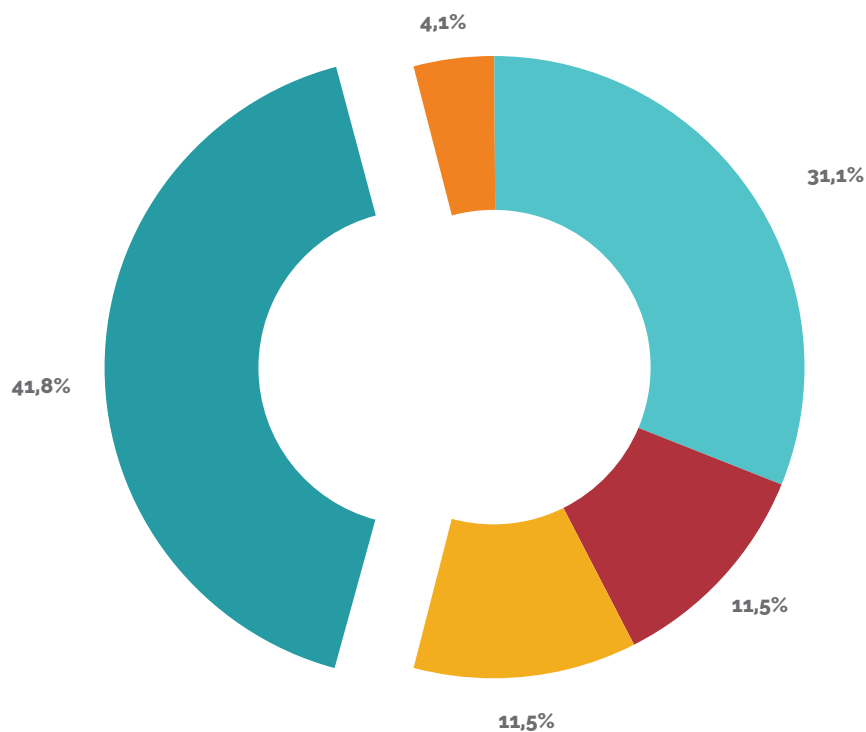
Tiedens, L.Z. (2001). Anger and advancement versus sadness and subjugation: The effect of negative emotion expressions on social status conferral. *Journal of Personality and Social Psychology*, 80(1), 86-94.

Waldron, J. (2010). Dignity and Defamation: The Visibility of Hate, 123 *HARV. L. Rev.*, 1596, 1612-14.

Valle-Nunes, L. H. (2020). As redes sociais e a construção dos antagonismos: a imigração brasileira em Portugal representada em comentários do facebook. *Matraga-Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ*, 27(49), 100-116.

ANEXO

ESTADO CIVIL DAS PESSOAS INQUIRIDAS



- Solteiro/a (41,8%)
- Casado/a (31,1%)
- União de facto (11,5%)
- Divorciado/a (11,5%)
- Viuvo/a (4,1%)

Fonte: _____
#MigraMyths - Desmistificando a imigração.
Casa do Brasil de Lisboa, 2021



Pergunta aberta em formato livre,
em que as pessoas inquiridas
puderam escrever a resposta.

#MigraMyths